

A balsa da esperança

Mensagem de Ano Novo de D. Jorge Ortiga

Nem sempre as palavras são o modo mais adequado para comunicar o que desejamos para os outros. As experiências pessoais ou alheias exprimem sempre com mais realismo o verdadeiro conteúdo duma mensagem.

Diante do novo ano, surge espontâneo recordar o resgate daqueles seis pescadores das Caxinas. Durante dias, prendemo-nos às televisões e jornais... as nossas orações intensificaram-se... e emocionamo-nos com as lágrimas dos familiares. Ora, será que tudo isto já passou?

Pessoalmente, vejo no sucedido o **grande acontecimento de 2011** e, por isso, penso que ele pode lançar um sentido para um novo ano que agora começa.

1. Durante quase três dias, seis homens, refugiados numa débil balsa, pareciam submergir pela crueldade do mar agitado, pela fome angustiante e pelo frio constrangedor. Nesse exíguo espaço a *esperança* nunca se perdeu, a *fé* no sobrenatural agigantou-se e a *comunhão* entre todos entrelaçou-se como força capaz de ultrapassar o inevitável. Posto isto, a minha mensagem para 2012 alicerça-se em três ideias emergentes deste acontecimento.

Em primeiro lugar, seis homens unidos no meio do mar agitado podem simbolizar um país onde cada um oferece o seu **contributo positivo**, não se deixando vencer pelo desânimo.

Depois, a **força**, disseram-no convictamente, encontraram-na dentro de si próprios, fruto de uma fé simples, sinal do abandono radical nas mãos de Alguém que estava para além das suas capacidades, como característica própria de quem sabe dominar as intempéries e que humildemente reconhece que a solução vem doutro lado.

Por último, a **esperança** como luz que nunca se extinguiu e que, por isso, fez com que acreditassem sem esmorecer numa libertação próxima, afastando as piores previsões.

2. Colocando-me à janela deste novo ano de 2012, como todos os portugueses conscientes, não antevejo um mar (futuro) de facilidades.

Não ignoro as ondas gigantes da pobreza escondida, do desemprego alarmante, da ameaça da emigração da intelectualidade juvenil, das falências fraudulentas ou inevitáveis, dum saúde que pode não ter a proteção necessária, dum ensino que sacrifica a qualidade, dum exclusão social que pode provocar agitações desnecessárias, dum criminalidade a gerar insegurança...

A consciência destes sinais na nossa pequena balsa pode gerar uma vida aberta ao transcendente, sabendo que a esperança obriga a acreditar numa libertação (salvação) próxima.

3. Para que tal “milagre” aconteça, teremos necessariamente de nos contentarmos com menos coisas e dar importância àquilo que cada um pode fazer, sem desânimos nem pessimismos, sabendo que só um **contributo positivo** gera aquela **força** que afasta a resignação e que aposta em valores característicos dum novo *modo de viver* (pessoal e comunitário), fundado na **esperança**, para que seja possível um amanhã diferente: mais justo, mais solidário e mais alegre.

Aproxima-se um tempo diferente e ninguém poderá exigir ou esperar excepções. Daí que, ao iniciar este novo ano, peça às comunidades cristãs um trabalho redobrado, capaz de gerar uma fé mais ardente, uma esperança mais consistente e uma comunhão mais visível. Pois só com o contributo de todos surgirão soluções para recomeçar a viver um novo estilo de vida, adequado às exigências do novo ano.

Por fim, que mais poderei dizer daquele acontecimento? Imaginemos tudo. Mas, sobretudo, acreditemos que perdendo o barco, que dava segurança, haverá sempre uma pequena balsa que salvará aqueles que não perderem a esperança.

+ Jorge Ortiga, A. P.

28 de Dezembro de 2011.